

Apresentação

Adriana Zavaglia

Mariângela de Araújo

Fernando Baião Viotti

Este quadragésimo sétimo número da revista TradTerm, que traz autoras e autores de diferentes universidades brasileiras, apresenta artigos relacionados a diferentes domínios (Neologia, Terminologia, Ensino da Tradução, Adaptação e Tradução Multimodal). O primeiro deles, “Termos do mercado financeiro: um estudo do *Ghosting*”, de Rômulo Ferreira dos Santos e Ana Maria Ribeiro de Jesus, da Universidade Federal do Espírito Santo, trata de neologismos por empréstimo. Tendo como *corpus* de estudo textos jornalísticos e postagens da rede social X (antigo Twitter) de 2020 a 2024 e fundamentados especialmente em Alves (1984, 2004), Crystal (2003), Faraco (2001) e Haugen (1950), os resultados da pesquisa analisam transformações significativas de dinâmicas referentes a relações afetivas. Empréstimos como *red flag*, *cyberstalking* e *gaslighting* são colocados em evidência; tais neologismos, na era digital, refletem um dinamismo social pelo fato de externarem novas situações culturais. Centrados em Matoré (1953), a autora e autor fazem uso do conceito da *palavra-testemunho* relacionada aos neologismos, considerando mudanças sociais, ideológicas e estéticas. Muito bem fundamentado, o trabalho traz importante contribuição à Neologia.

Vanessa Lopes Lourenço Hanes, da Universidade Federal Fluminense, em seu artigo “A abordagem de variações linguísticas no ensino da tradução”, trata da variação linguística no ensino da tradução. Perpassa por diferentes autores, como Fawcett (1981), Halliday (1985), Venuti (1995), Lippi-Green (2007), Pym (2010) e Baer (2017), para introduzir o tema e, na sequência, abordá-lo mais especificamente em relação a diferentes tipos de tradução: literária,

audiovisual, acadêmica e especializada. Conclui com algumas generalizações que apontam para a importância de uma reflexão sobre o assunto na formação de futuras tradutoras e tradutores.

Com vistas a relacionar o conceito de jogo em Gadamer (1960) e Didi-Huberman (1992) à prática da audiodescrição, Marcella Wiffler Stefanini e Érica Luciene Alves Lima, da Universidade Estadual de Campinas, defendem no artigo “O jogo na audiodescrição: considerações com base em Gadamer e Didi-Huberman” que a interpretação é um jogo entre texto e pessoa que o interpreta. A partir da lógica gadameriana do “primado do jogo face ao jogador” e “do jogo das evidências e do esvaziamento” de Didi-Huberman, as autoras repensam a relação da pessoa com as obras de arte e o modo de interpretá-las por entrevistas realizadas com cinco audiodescritoras. Uma das conclusões a que chegam nesse texto muito bem fundamentado é a de que a obra determina tanto a metodologia como o trabalho da pessoa audiodescritora.

Em seu artigo “A adaptação como tradução de uma obra literária de Milton Hatoum: Uma análise da série *Dois irmãos* (2017) da TV Globo”, Francisco Carlos Malta, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, analisa em seu artigo a adaptação de uma obra literária, *Dois Irmãos* (2000) de Milton Hatoum, para uma linguagem audiovisual, a série homônima da TV Globo (2017), feita por Maria Camargo (roteiro) e dirigida por Luiz Fernando Carvalho. Passando por uma discussão sobre adaptação ou aproximação literária (Linda Hutcheon, 2011; Robert Stam, 2008) e tipos de adaptação (constitutiva ou deslocada, Mitterand, 2014), o autor investiga a redação do roteiro no traslado da narrativa do romance para as cenas da série, com seus diálogos e imagens em movimento. Com exemplos detalhados, o artigo de Malta traz luzes para as questões sobre autoria e autonomia criativa nos Estudos da Adaptação.

No texto “Terminologia astronômica em duas traduções do livro *Cosmos*, de Carl Sagan”, Marcos Daniel Longhini e Silvana Maria de Jesus, da Universidade Federal de Uberlândia, abordam a complexidade da tradução de textos de especialidade por uma análise de escolhas tradutórias de termos da área da Astronomia. Para tanto, foram comparadas as traduções brasileiras de

Angela (1982) e de Paulo Geiger (2017), com especial atenção à padronização nas escolhas terminológicas, à variação terminológica e sua adequação ao público geral, dos termos *spiral arm*, *self-luminous*, *starstuff*, *infrared light*, *inner solar system* e *path*. Como houve variação terminológica, com inadequações, o trabalho ressalta a importância da relação entre tradutor e especialista e a criação de glossários para o público leigo.

O artigo “*Aloha! Domesticação e estrangeirização na dublagem de Lilo & Stitch em português brasileiro*”, de Laura Rodrigues Munhoz e Rozane Rodrigues Rebechi, da Universidade do Rio Grande do Sul, propõe analisar as estratégias tradutórias utilizadas na animação para o público brasileiro. As autoras chamam a atenção para a acessibilidade da dublagem (Chaume, 2012) e para o contexto brasileiro (Sacchitiello, 2012; Rosa, 2010), tendo como principais fundamentos as contribuições de Chesterman (2016 [1997]) e Venuti (1995, 2005). Feita a transcrição do áudio com as marcas de oralidade em inglês e português, as autoras analisam por ricos exemplos as canções, o léxico em havaiano e as brincadeiras. Na coexistência das duas estratégias, concluem que predominou, de um lado, a domesticação na tradução para dublagem das lexias e expressões havaianas e das brincadeiras infantis e, de outro, a estrangeirização nas canções.

No texto “A voz do tradutor nas traduções dos paratextos escritos por Charlotte Brontë para a segunda e a terceira edições de *Jane Eyre* – dedicatória, prefácio e nota” de Adriana Mayumi Iwasa Braccini e Lenita Maria Rimoli Pisetta, da Universidade de São Paulo, é investigada a voz do tradutor (HERMANS, 1996; SCHIAVI, 1996) nas traduções da dedicatória e do prefácio presentes na segunda edição de *Jane Eyre* e, na terceira, da nota. Escritos pela própria Charlotte Brontë, porém sob o pseudônimo masculino de Currer Bell, tais paratextos, que aparecem traduzidos em onze das vinte traduções brasileiras, são descritos e comparados nas duas línguas. Por esclarecedora análise, muito bem fundamentada e circunstanciada, as autoras concluem que a voz do tradutor e sua intermediação visibilizam-se pela escolha do gênero relacionado à autoria dos paratextos, o que impacta em sua recepção.

O texto “Multimodalidade e representação da identidade linguística nas dublagens do filme *Encanto* (2021): Análise da personagem ‘Abuela Alma’”, Sabrina Moraes Antonio e Astrid Johana Pardo Gonzalez, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, fazem uma análise multimodal (RILLIARD et al. 2009) de um ato de fala da animação americana em três línguas diferentes: o inglês estadunidense, o espanhol colombiano e o português brasileiro. Por elementos verbais, visuais e auditivos, as autoras examinam os ajustes específicos de qualidade de voz para cada dublagem. Tais soluções, como demonstram as pesquisadoras de modo detalhado e ilustrado, criam novos significados na representação americana e brasileira da identidade colombiana.

Além dos artigos, o número conta também com uma resenha, de Lenita Maria Rimoli Pisetta, do livro *Quando Dr. Jekyll and Mr. Hyde encontram O Médico e o Monstro*, de Ana Júlia Perrotti-Garcia. Tal obra, tradução em formato bilíngue de *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* de Stevenson, é povoada de duplos: além do mais evidente, também o duplo nos paratextos, a tradução em duplo e o duplo público leitor. Chamando a atenção para esses duplos, Pisetta duplica, multiplicando-o, o poder de atração da obra nessa nova tradução comentada.

A comissão editorial da TradTerm finaliza esta apresentação convidando todas e todos à leitura deste número e agradecendo às nossas colaboradoras e colaboradores pela escrita, avaliação e organização dos textos.